

Memória seletiva

Rogério L. Furquim Werneck*

Apressei-me a ler o novo livro de Fernando Moraes: *Lula, volume 2: Biografia*. Tinha interesse em ver se lançava novas luzes sobre a intrincada metamorfose a toque de caixa a que o PT teve de se submeter na disputa presidencial de 2002, por meio da *Carta ao povo brasileiro*. Uma decepção. Moraes omite fatos cruciais para a compreensão do que ocorreu.

Nas eleições municipais de 2000, o partido decidira que suas campanhas teriam como carro-chefe um tema nacional: o respaldo do PT a um plebiscito informal, promovido País afora pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil, que indagava se as dívidas públicas interna e externa deveriam ser pagas ou não.

Não se tratava de iniciativa de um grupo de aloprados, sem importância no partido. Longe disso. O deputado José Dirceu, então presidente do PT, chegou a propor que o plebiscito fosse oficializado por decreto legislativo. E, ao longo de 2000, economistas vinculados ao PT permitiram-se, um a um, publicar artigos na mídia, dando apoio pessoal ao plebiscito. O leitor interessado poderá consultar a maior parte desses artigos no acervo digital da *Folha de S.Paulo*.

Ao final de 2000, festejar a vitória esmagadora do não pagamento da dívida pública no plebiscito era o discurso econômico tresloucado a que o PT se associara. Não chegou a ser uma surpresa, que menos de 18 meses depois, quando o candidato do partido assumiu a liderança da disputa presidencial de 2002, os mercados financeiros entrassem em pânico. E Lula e o PT se vissem compelidos a se submeter a uma metamorfose para, da noite para o dia, adotar um discurso menos irresponsável, condizente com a conquista da Presidência.

Moraes nem mesmo menciona o plebiscito da dívida. Tendo entrevistado mais de 60 pessoas, não encontrou uma boa alma que lhe esclarecesse a relação entre o sufoco do PT em 2002 e seu desatinado respaldo ao plebiscito de 2000. Se a encontrou, lhe fez ouvidos moucos.

Preferiu insistir, em termos para lá de primitivos, na narrativa negacionista, a que continua a se agarrar o PT, da injustificada resistência das “atrasadas e, muitas vezes, feudais elites brasileiras” à eleição de Lula.

É bem sabido que a metamorfose do PT foi efêmera. Começou a ser revertida já em 2005, com o “gasto é vida” de Dilma Rousseff. E, desde 2010, a borboleta petista tem feito o possível para se alojar de volta no casulo de onde saiu.

Entregue ao negacionismo, o PT continua incapaz de extrair lições dos colossais erros que cometeu, seja em 2000, seja com Dilma, seja agora, no Lula 3.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.